

Luna e o Mundo de Aventuras



TULIO FERNEDA

Luna e o Mundo de Aventuras

Tulio Ferneda

Ferneda, Tulio

Luna e o Mundo de Aventuras / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2021.

ISBN: 978-65-00-24094-8

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.
I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

Licença de uso

Todo o conteúdo desta obra pode ser utilizado sob a licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Você deve dar crédito ao autor original.

Você não pode usar o material para fins comerciais.

Você não pode alterar, transformar ou criar a partir da obra original.



Sumário

A Ilha em Forma de Lua.....	7
A Travessia pelo Mar.....	19
A Guilda dos Aventureiros	28
A Floresta dos Vagalumes.....	45
O Caminho das Cachoeiras.....	54
A Fortaleza dos Piratas	72
O Tesouro de Guri	87
A Casa de Luna	92

A Ilha em Forma de Lua

A jovem Luna acordou na ilha, sem memória alguma. Ela estava deitada na grama, onde dormia confortavelmente. Aquela ilha até parecia feita de espuma. Levantou-se e correu até o riacho, onde viu sua imagem refletida na água: era uma menina de pele morena, olhos e cabelos castanhos, com uma túnica marrom e pés descalços. Sorriu ao ver o próprio rosto, pois gostava muito dos seus cabelos.

Ela bebeu água, comeu uma maçã e uvas do pomar. Depois, subiu até o topo de uma colina e viu que a ilha era em forma de lua. Não era lua cheia ou nova, mas lua crescente ou minguante: depende de como queremos ver. Foi então que se lembrou que seu nome era Luna. Mas não se lembrava de mais nada: não sabia quem era, como era sua casa ou família, ou como tinha chegado ali. Quando pensava

nessas coisas, sentia um vazio e uma ponta de tristeza.

A ilha tinha frutas e água boa para beber. Era um lugar tranquilo: ouvia-se apenas o som das ondas no mar, a delicada passagem do vento e o doce canto dos pássaros. Luna pensou que devia ser uma jovem bem esperta: afinal, sabia se perder num lugar muito agradável.

Ela corria pela praia, rindo de si mesma, e dava longos saltos entre as colinas de relva — saltos longos demais para uma garota da sua idade — mas achou aquilo tudo muito normal e divertido. À noite, se encantava com o desenho das estrelas no céu e tentava copiá-los na areia. Dormia numa pequena cabana de folhas.

Mas Luna se sentia solitária. Então explorou cada canto da ilha, até achar um amigo. Foi no alto de um rochedo, perto da cachoeira, que ela conheceu o pássaro azul:

— Olá. — Disse o pássaro.

— Olá! — Disse Luna, com empolgação. —
Você é diferente dos outros pássaros.

— Não sou. Você que é diferente das outras
pessoas: você escuta o que eu tenho a dizer.

— Tem outras pessoas na ilha?

— Já teve, há muito tempo... — Ele respondeu
e notou a expressão de tristeza no olhar da menina.
— Mas se você procura companhia, posso ser seu
amigo.

Luna sorriu, sentiu-se muito feliz e aceitou o
convite de amizade na mesma hora.

— O que tem pra fazer aqui? — Ela quis saber.

— Eu gosto de voar. Ah, como é bom voar ao
redor da ilha!

— Mas eu não sei voar...

— Tem certeza?

— Tenho, sou só uma menina.

O pássaro a encarou, pensativo.

— Nesse caso, posso voar baixo enquanto você
corre na praia.

— É uma ótima ideia. — Disse Luna, abrindo um lindo sorriso.

E os dois voaram e correram, por muitos dias na praia daquela ilha, até não saberem mais a diferença entre voar e correr. Eles tinham formas diferentes, mas corações iguais. O pássaro azul se tornou um grande amigo para Luna. Ele não tinha nome, então ela resolveu chamá-lo de Amarelo, o que gerou certa confusão:

— Amarelo? Por que me chamar de Amarelo se eu sou azul? — Ele perguntou.

— Ora, ora! — Luna deu risada da situação, que era muito engraçada, e apenas respondeu com sua tímida molecagem: — Porque azul é uma cor triste, apesar de ser bonita. Amarelo é uma cor bonita e alegre. E você me faz sentir alegria, senhor pássaro.

O pássaro não pôde deixar de sentir um contentamento com aquela resposta:

— Gostei de “senhor pássaro”. — Ele admitiu.
— Você poderia me chamar assim, me dá um toque elegante. Sinto até vontade de usar uma gravata.

— Não, não, nãozinho. Seu nome já é Amarelo. Além disso, não queremos gravatas na ilha.

Amarelo concordou. Gravatas fariam peso em seu pescoço e ele não conseguiria voar tão bem. No fim das contas, fez uma reverência e agradeceu:

— Obrigado, senhorita Luna. Agora, graças a você, sou o pássaro azul Amarelo. E isso é uma honra.

Os dois passaram dias felizes. Perderam a conta de quantas luas e alboradas presenciaram juntos naquela ilha. Na verdade, não estavam contando o tempo. A vida de Luna tinha se tornado um pouco mais completa, pois ela tinha paz, momentos de alegria e alguém para compartilhar tudo isso.

Mas aquele sentimento de vazio permanecia, um vazio interior, por ela não saber quem era e de

onde veio. Amarelo percebia isso, até que fez uma sugestão:

— Luna, por que você não pega uma estrela cadente? Elas caem por aqui de vez em quando.

— Uma estrela cadente?

— Sim. Ouvi dizer que elas realizam desejos, mas só se você pegar uma. Se conseguir, poderá desejar saber a resposta que procura.

Luna gostou da ideia. Ela esperou a próxima chuva de estrelas cadentes. Não demorou muito até aquele belo evento acontecer de novo. Certa noite, muitas estrelas chegavam por todos os lados: desciam lentamente do céu noturno, deixando um rastro de luz, até caírem no oceano ao redor da ilha. Luna correu e saltou bem alto, do topo das colinas, para tentar apanhar uma delas no ar. Ela chegava perto, mas não conseguia alcançá-las. Então, subia novamente nas colinas e saltava mais uma vez. Amarelo ficou impressionado ao ver que Luna saltava com facilidade, até uma altura de três ou

quatro coqueiros, e caía flutuando no ar, pousando levemente na areia da praia.

— Você sabia que podia saltar tão bem assim?

— Ele perguntou.

— Não, não sabia... Poxa, é verdade! Sou uma ótima saltadora!

Mas apesar de saltar muito bem, ela não conseguia pegar uma estrela. Ficou sentada na praia, observando aquela chuva de luz tocar o mar, até que teve uma ideia:

— E se eu mergulhar e tentar pegar uma debaixo d'água?

— Você acha que consegue? — Questionou o amigo.

— Talvez...

Luna foi até o mar, saltou por cima das pequenas ondas e mergulhou. Ela se sentiu muito bem debaixo d'água, conseguia nadar com facilidade, quase como um dos pequenos peixes que viviam por ali. Viu as estrelas cadentes descendo até o fundo da baía, então mergulhou em direção a uma

delas. Seus cabelos ondulavam, imersos na água, e ela conseguia enxergar tudo muito bem por causa da luz das estrelas. Chegou bem no fundo e retirou uma delas que estava meio fincada na areia. Era uma estrela pequena, mas em perfeito estado. Deveria servir. Ela deu um impulso para cima e nadou de volta à superfície.

Quando veio à tona, respirou novamente e foi muito bom encher os pulmões de ar. Mas aquele mergulho parecia não ter sido muito difícil. Ela sentiu que poderia mergulhar daquele jeito várias vezes sem cansar.

Luna nadou até a praia, usando a estrela como uma pequena prancha. Amarelo a esperava ansiosamente:

— Incrível, Luna! Você também é uma ótima nadadora.

— Parece que sim... — Ela concordou.

— O que temos aí? Uma estrela das boas?

— Sim, é uma das boas. Como eu faço o pedido agora?

— Bom... — Amarelo hesitou. Ele sabia da lenda das estrelas cadentes, mas nunca pensou que um dia veria alguém pegar uma. — Eu acho que você deve subir até a colina mais alta da ilha, segurá-la em seus braços e fazer o pedido. Simples assim.

Luna seguiu o conselho de Amarelo, que era sempre muito sábio. A colina mais alta ficava ao lado da cachoeira. Ela se sentou na grama, com a estrela em seus braços, e disse as seguintes palavras:

— Estrela cadente, desejo saber quem eu sou!

Nada aconteceu naquele momento.

— E agora? É só isso?

Amarelo meditou um pouco sobre a situação. Ele queria muito ver sua amiga realizar o desejo, mas parecia estar faltando alguma coisa.

— Eu já sei. — Disse o pássaro, finalmente. — Acho que precisamos dar uma pequena ajuda. As estrelas podem realizar desejos, com certeza. Mas a pessoa tem que fazer a sua parte.

— Fazer a minha parte? — Perguntou Luna, curiosa.

— Sim. Eu estive pensando sobre isso, Luna. Enquanto você ficar aqui, nesta ilha, teremos momentos de alegria, mas nada diferente vai acontecer a você. Para que a estrela atenda o seu pedido, é preciso que você viva uma aventura.

— Uma aventura?

— Sim, uma aventura. Estou me lembrando agora. Acho que foi o Barba Rosa, o maior pirata de todos os tempos, que pediu um tesouro uma vez a uma estrela. Isso mesmo! Foi o Barba Rosa, se não me falha a memória. Acontece que ele só achou o tesouro quando saiu com seu barco pelo mundo e foi viver uma aventura.

— Então, eu devo partir... — Disse Luna, com tristeza. A ideia de deixar a ilha e seu amigo não parecia muito agradável.

— Ora, não se preocupe. Vai ficar tudo bem. Veja só, quando você escolheu saltar para pegar uma estrela, descobriu que é uma ótima saltadora.

Quando escolheu mergulhar no mar, descobriu que é uma excelente nadadora. Tenho certeza de uma coisa: quando você sair para uma aventura, vai acabar descobrindo que é uma grande aventureira.

— Você acha mesmo?

— Claro! Além disso, quando terminar sua viagem, volte aqui para me contar tudo. Ficarei contente com isso.

Luna entendeu que precisava partir. Mas ainda lhe faltava orientação:

— Como vou saber aonde ir?

— Bom, você pode começar pela Guilda dos Aventureiros. — Foi a sugestão de Amarelo.

— E existe um lugar assim? — Perguntou Luna, com um renovado sentimento de empolgação.

— Existe um lugar assim. Você deve atravessar o mar para o norte, até chegar à grande terra. A Guilda dos Aventureiros fica na praia, pois lá se reúnem guerreiros e piratas, heróis e exploradores, aventureiros de todos os tipos.

— Que legal!

— Isso mesmo, Luna. Quero ver essa esperança em seu olhar. — Disse Amarelo, percebendo como Luna era uma jovem sonhadora.

— E como posso atravessar o mar?

— Vai precisar de um barco.

— Você sabe fazer um barco?

— Eu sei fazer um barco. Há muito tempo, um marinheiro naufragou nesta ilha. Vi como ele fez um pequeno barco a vela, com troncos de coqueiros e folhas de bananeiras.

— E você se lembra bem?

— Eu me lembro muito bem! Ora, minha memória não falha...

— Então está decidido: vamos fazer um barco, vou viver uma aventura e volto aqui para contar.

A Travessia pelo Mar

Foi então que Luna e Amarelo fizeram um barco, um pequeno barco a vela, com muito cuidado. Tudo estava pronto para a viagem. Naquela manhã, o céu estava em cor de despedida. Mas a menina quis convidar o amigo:

— Venha comigo, Amarelo. Podemos velejar juntos, seria tão divertido!

— Ah, seria sim, não tenho dúvidas... Mas eu preciso cuidar da ilha. Quem vai vigiar as estrelas cadentes, para que elas não caiam nas árvores?

— Tem razão...

— Uma vez por ano, as tartarugas marinhas passam por aqui, colocam seus ovos na praia. Quem vai estar aqui para recebê-las?

— Está certo...

— E se algum náufrago se perder nesta ilha novamente? Quem vai ajudá-lo?

— Só você, Amarelo. Só você poderia cumprir tão bem essas tarefas. Ah, como vou sentir sua falta!

— Desabafou Luna.

— Pois eu vou sentir a sua. Mas estarei contigo em pensamento. Agora vá, querida Luna, sem delongas, viva sua aventura.

Luna deu um beijo em Amarelo e, entre sorrisos e lágrimas, partiu. Uma bolsa com uvas, uma garrafa de água doce, um mapa feito em sua mente para seus sonhos e esperanças — era tudo o que ela precisava. O pequeno barco avançou bravamente pelo mar, com sua vela de folhas de bananeira içada e envergada pelo vento, e deslizou suavemente pela água, passando acima dos lindos recifes de corais, contornando a baía em forma de lua, seguindo a direção norte.

Ela se afastou da ilha e olhou para trás uma última vez, com aperto no coração. Mas então, escolheu olhar para frente e sentiu as primeiras emoções da jornada. O ar fresco encheu seus pulmões e o vento veio balançar seus cabelos. O

horizonte e o mar azul por todos os lados eram algo muito bonito de se ver. As ondas do mar faziam o barco oscilar para cima e para baixo, com suavidade. Tudo estava em paz, como na ilha, mas agora Luna se movia pelo mundo.

Ela viu golfinhos pularem acima da água e passou bem perto de uma enorme baleia azul, que estava tão calma quanto as nuvens no céu. Mas nada foi mais belo que o encontro com um bando de tartarugas marinhas, tartarugas gigantes de todas as cores: verdes, marrons, azuis e amarelas, rosas e vermelhas, roxas e alaranjadas. Aquele carnaval de lindas criaturas deslizou por baixo do seu barco, como em uma dança ou travessia sagrada. A vida marinha contentava o espírito de Luna.

Depois de algum tempo, tudo se aquietou. Gaivotas passaram voando, apressadas, buscando algum rochedo tranquilo para pousar. Luna não viu outros animais depois delas, mas algo inesperado chamou sua atenção: era um barril flutuando, à

deriva no meio do oceano, e dentro dele um menino vinha navegando.

O barco se aproximou do barril e Luna recolheu as velas para ir mais devagar. Então, jogou uma corda para o menino:

— Aqui! Pegue a corda, menino! — Ela gritou.

O menino apanhou a corda e Luna o puxou para perto do barco. Ele subiu a bordo e a primeira coisa que ela fez foi oferecer uvas e água.

— Obrigado! Muito obrigado! — Ele agradeceu, sorrindo ao comer as uvas.

— Qual o seu nome, menino?

— Eu sou Guri.

— Eu sou Luna.

— É uma honra conhecê-la, Luna.

— Você está perdido?

— Ah, sim, estava nesse barril há dias.

— Há dias?! Devia estar com muita fome!

— Estava sim. Mas é um barril de maçãs. As maçãs ainda dão para uma semana inteira. Mas é tão bom comer uvas hoje!

— Como veio parar aqui? — Luna quis saber.

— Bom... — Guri coçou o queixo, meio pensativo. — Eu sou um distraído... Pessoas desse tipo às vezes ficam assim, à deriva num barril, no meio do mar.

— Entendi. É perigoso ser distraído. — Concluiu Luna.

— Ah, com certeza. Já passei muito aperto nessa vida... Veja o barril, por exemplo, como é apertado! É tão bom esticar as pernas no seu barco...

— Você quer vir comigo? — Ela convidou. — Vou para a Guilda dos Aventureiros.

— A Guilda dos Aventureiros? Sêrio? — Respondeu Guri, com uma expressão sonhadora no olhar.

— Sim.

— Que demais! E você sabe o caminho?

— Sei sim, fica ao norte daqui.

— Ah, eu gostaria muito de conhecer esse lugar! Ouvi histórias incríveis. Se não for incomodar...

— Não é incômodo algum.

— E sabe, não estou indo para nenhum lugar mesmo...

— Então venha comigo!

— Também seria bom comer um pouco mais dessas uvas, se você deixar...

— Tem uvas para dois.

— Mas como posso pagar? Não tenho moedas, dinheiro, nada do tipo.

— Não precisa.

— Não tenho prata nem ouro... Meu pai é pescador, eu poderia te pagar com peixes depois, mas isso depende da maré... E na verdade eu não sou muito bom com pesca.

— Não preciso de peixes. — Explicou Luna.

— Tenho um tio que é um grande pirata... Ou é um avô? Talvez seja um tio-avô... Uma vez ele encontrou uma pilha de ouro, mas escondeu numa

ilha... Não sei bem qual é, não o vejo há muito tempo... Fica chato aparecer na casa de alguém só para pedir dinheiro...

— Não preciso de ouro. — Ela garantiu.

— Tenho um par de botas furadas... Mas estas já se afundaram no mar há dois dias.

— Eu não preciso de botas, vê? Gosto de andar com os pés no chão.

— Então não posso pagar... O que vamos fazer? Minha mãe me ensinou que um homem nunca deve fazer dívidas.

— Bom... — Luna ponderou um pouco sobre aquela questão. Ela não precisava de pagamento algum, só queria ajudar o menino. Mas notou que ele estava desconfortável com tudo aquilo. Então, encontrou uma solução: — Você disse que ainda tem maçãs no barril?

— Sim, maçãs para uma semana.

— Então está resolvido. Vamos juntar suas maçãs com minhas uvas e tudo já fica acertado.

— Tudo bem, mas eu tenho só sete maçãs...

— Está ótimo.

— E na verdade duas estão mordidas...

— Não tem problema.

— E as outras cinco, bom, talvez tenha que jogar fora, porque estão com bicho...

— Duas maçãs mordidas, trato feito.

— Tem certeza? Não é pouco?

— Estão mordidas por inteiro ou só a metade?

— Só a metade.

— A outra metade está boa?

— Sim! A outra metade está ótima!

— Então temos duas metades boas, o que dá uma maçã inteira. Sim, você está com sorte, Guri.

— Estou? — Ele arregalou os olhos, incrédulo, com renovada esperança.

— Sim. Uma maçã inteira é exatamente o valor da passagem de barco até a Guilda dos Aventureiros.

— Ah, que boa notícia! Que boa notícia, Luna!

E assim, Guri pulou de alegria no barco de Luna. Ele se considerou um menino muito sortudo, por ter o valor exato da passagem.

— Muito bem, capitã! O jovem marujo Guri está às suas ordens!

Naquele momento, Luna sorriu com o coração. E ela nem sabia que podia fazer isso. Esta era uma das melhores maneiras de sorrir. Ela pensou que, assim como Guri, devia ser distraída, pois também tinha se perdido.

— Sua primeira ordem, marujo, é comer um cacho inteiro de uvas, ou eu te jogo para as tartarugas!

— Pode deixar, capitã!

E assim, uma amizade nasceu de um ato de gentileza. Eles velejaram pelo fim da tarde, quando o sol coloriu as águas do mar de amarelo, laranja e rosa avermelhado. Ficaram admirando aquele espetáculo ao sabor das uvas. Uma vantagem dos distraídos é que eles nunca perdem um pôr do sol.

A Guilda dos Aventureiros

Depois de muito navegarem, Luna e Guri chegaram à Guilda dos Aventureiros. Ela ficava na grande terra, bem na praia rente ao oceano, como Amarelo tinha contado. Havia um porto feito de pedras, com lugares para os barcos serem amarrados. Barcos grandes e pequenos partiam e chegavam, deixando o local bem agitado. E depois, bem de frente para o porto, lá estava ela: uma construção bem alta, toda de madeira, com três andares e uma chaminé no topo. Em cada andar tinha uma placa. No primeiro, dizia: “Recepção”. No segundo, “Bar e Café”, e no terceiro, “Salão de Aventuras”.

— É aqui, finalmente chegamos. — Disse Luna.

— Esse lugar é demais, já gostei! — Disse Guri, com os olhos brilhando de empolgação. — E agora, o que você vai fazer?

— Vou descobrir como viver uma aventura. — Ela respondeu, com o olhar resolutivo. — E você, Guri? Para onde vai?

— Eu tenho um tesouro para achar. É uma missão muito perigosa, sabe, não sei se você gostaria de ir comigo...

— Um tesouro? Mas é claro, parece uma ótima aventura!

— Vai ter piratas e ladrões, onças e tubarões no caminho... Quer dizer, a gente nunca sabe, mas é quase certo que vai ter tubarões...

— Eu topo!

— E piratas... Piratas não são brincadeira! E você é uma aventureira iniciante, não sei não...

— Eu vou com você.

— Se bem que, pode ser de grande ajuda ter uma capitã tão boa no time, afinal, você sabe velejar muito bem...

— Você tem um time?

— Minha tripulação vai gostar de você, Luna.
Ah, sim, eles vão te achar incrível.

— São em quantos no total?

— E você sabe escolher uvas como ninguém...
Sim, será muito bem-vinda! Em quantos? Bom, somos sete ao todo.

— Sete? Que demais, vou fazer parte de um bando de aventureiros!

— Na verdade, somos seis. O mais novo começou a fazer xixi na cama e teve que ir pra casa. Não há nada de errado em fazer um xixi na cama de vez em quando, mas isso não fica bem num navio pirata.

— Vocês têm um navio pirata?!

— Ou melhor, somos cinco. O mais velho sentiu saudades da mãe e voltou pra casa.

Guri não parava de falar, exatamente como fizera com a história das maçãs. Luna desconfiou de como aquele conto iria terminar.

— Então, são cinco bravos marinheiros, certo?

— Ela provocou, com um sorriso esperto.

— Na verdade somos três... Dois eram gêmeos idênticos, e nós nunca sabíamos quem era um, quem era o outro. Foi uma confusão, tivemos que mandá-los pra casa...

— Vocês são dois apenas, não é? — Concluiu Luna, erguendo a sobrancelha.

— Sim, eu confesso. Um dos três era um amigo imaginário e esquecemos a aparência dele. Então somos dois. Bom, éramos dois, eu e meu papagaio pirata. Mas quando eu caí no mar no meu barril de maçãs, o papagaio saiu voando.

— Então é só você.

— Sim, veja bem, no momento sou só eu.

— E cadê o navio?

— A baleia comeu.

— A baleia comeu seu navio?!

— Sim, isso me dói no coração até hoje. Essas coisas só acontecem comigo... Mas também, por que fui fazer um navio de chocolate?

— Seu navio era de chocolate?

— Sim, era maravilhoso! Bom, se não fosse a baleia, a tripulação ia acabar comendo tudinho... Enfim, aqui estou: sou apenas eu, Luna, sem navio, sem barco, nem velas nem pávio.

— Não é só você. Somos dois, porque agora sou sua parceira. — Disse Luna com seu jeito alegre, que fazia qualquer um se sentir melhor.

— Você vai ser minha capitã, oficialmente?

— Sim, com certeza. E temos meu barco, para aventuras no mar. E temos pés e pernas, para aventuras na terra.

Guri abriu um sorriso, feliz da vida.

— Está feito então. É uma honra ser seu marujo, capitã!

— E esse tesouro que você quer achar, sabe onde está?

— Não sei não.

— Tem um mapa?

— O vento levou.

— Tem bússola?

— A bússola quebrou.

— Está bem. Isso vai ser ainda mais divertido.

— Vai?

— Com certeza! Vamos entrar na guilda, lá deve ter muitos aventureiros experientes. Alguém deve saber como achar um tesouro sem mapa, bússola ou direção.

— É uma ótima ideia, capitã!

E foi essa a conversa de Luna e Guri na frente da Guilda dos Aventureiros. Eles não disseram mais nada, apenas foram até a porta e entraram.

Na Recepção, foram recebidos por um enorme pirata viking, bem gordo e bem forte, com botas marrons e barba verde, cabelos trançados e um capacete com dois chifres, sendo que um estava quebrado.

— Sejam bem-vindos, aventureiros!

— Olá, senhor. — Disse Luna, educadamente.

— Eu sou Luna e este é meu amigo Guri. Viemos em busca de uma aventura. Qual é o seu nome?

Um enorme pirata viking, bem gordo e bem forte, só poderia ter um nome dos bons, um nome daqueles que bota medo em qualquer um:

— Bochecha. Pode me chamar de Bochecha, senhorita.

— Muito bem, senhor Bochecha! Como podemos começar?

— É muito fácil. — Ele explicou. — Primeiro você escreve seu nome nesse papel. Depois, vai tomar uma bebida no bar. E depois, vai até o último andar escolher uma aventura.

Luna escreveu seu nome no papel, que na verdade era um pergaminho, com os nomes de todos os aventureiros que já tinham passado por ali. Alguns nomes chamaram sua atenção, pois vinham escritos em duplas: Peter e Wendy, Barba Rosa e Barba Negra, Robin Hood e João Pequeno, e muitos outros. Então, ela acrescentou à lista: Luna e Guri.

— Está feito. — Declarou Bochecha, solenemente: — Vocês agora são membros oficiais da Guilda dos Aventureiros.

E assim eles agradeceram, subiram pela escada até o segundo andar, onde ficava o Bar e Café. O ambiente estava cheio, com meninas e meninos por todos os lados: mais jovens, mais velhos, carecas e barbados. Rente ao balcão todos se sentavam, pedindo bebidas deliciosas:

— Um chocolate quente, por favor! — Pediu um velho pirata.

— Um chocolate frio! — Foi o desejo de uma fada.

— Vitamina de morango! — Solicitou um gnomo.

— Suco de abacaxi! — Foi o indígena logo ali.

E assim, a lista foi grande: guerreiros, magos, arqueiros, exploradores, cientistas, astronautas, marinheiros, pescadores, piratas, fadas, gnomos, duendes, mergulhadores — enfim, gente de todas as tribos e todas as cores. Luna pensou que era muito bom estar ali, junto a tantas almas sonhadoras.

— O que você vai querer? — Ela perguntou a Guri.

— Suco de uva. — Ele respondeu, sem hesitar. Ela ficou surpresa com a escolha tão rápida do amigo, com tantas opções no cardápio.

— Você deve gostar muito desse suco...

— Ah, sim, agora uva é minha fruta favorita.

Ela soube na mesma hora que aquele gosto por uvas, de alguma forma, tinha um significado especial.

— Antes não era uva? — Ela quis saber.

— Não, antes era maçã. Mas agora, é uva com certeza!

Luna sentiu um puro contentamento. Lembrou de como Guri tinha ficado feliz com as uvas no barco. Ela soube exatamente o que dizer ao amigo:

— Então vou querer um suco de maçã.

Guri apenas sorriu, sem precisar de explicações. Os dois tomaram seus sucos, sentados em banquinhos bem no canto do bar, apenas apreciando a alegria dos aventureiros. A bebida estava fresca, tinha sabor de fruta colhida no pé e

um aroma doce muito gostoso. Depois de um pouco de cantoria, estavam prontos para uma boa aventura. Eles agradeceram e subiram pela escada para o terceiro andar.

Finalmente chegaram ao Salão de Aventuras. O ambiente ficava no sótão da guilda: era uma sala espaçosa, com um enorme mapa na parede dos fundos. Nesse mapa, em vários pontos havia um pequeno bilhete fixado. E em cada bilhete estava escrito um tipo de aventura: “Caça ao Tesouro”, “Luta com Dragão”, “Mergulho no Mar”, “Busca por Flor Encantada”, “Entrega de Encomenda”, “Escolta de Carruagem”, “Exploração de Continente Perdido”, e assim por diante. Cada aventura parecia mais legal do que a outra.

— Uau! — Exclamou Guri, com os olhos encantados.

Bem ao lado do mapa de missões, havia um pequeno balcão, onde um simpático gnomo dormia.

— Com licença... — Disse Luna, tentando acordar o gnomo.

Mas ele não acordou. Continuou dormindo, deitado em sua bela almofadinha, roncando com a barriga para cima.

— Olhe, tem um sino aqui. — Apontou Guri, indicando um pequeno sino dourado, bem ao lado de uma placa que dizia “Toque o sino para acordar o gnomo”.

— Bom, vamos tocar, mas com delicadeza. Não queremos assustá-lo. — Observou Luna.

Ela tocou o sino, devagar. O gnomo resmungou e se virou de lado. Ela tocou pela segunda vez e ele quase acordou. A terceira fez a pequena criatura abrir os olhinhos aos poucos, se levantar e dar uma bela espreguiçada.

— Ora, vejam só! Temos aventureiros por aqui. — Disse o gnomo, como se aquilo fosse algo incomum.

— Sim, senhor gnomo. Somos dois aventureiros de primeira viagem. Eu sou Luna e este é Guri. Qual é o nome do senhor?

Um gnomo tão pequeno e delicado, tão bonitinho com suas bochechas rosadas e sua barbinha branca, só poderia ter um nome delicado:

— Trovão, o Devastador. — Ele se apresentou.

Luna e Guri se entreolharam. O menino não se conteve e perguntou:

— Você é devastador de quê, senhor Trovão?

— De amoras.

— Amoras? — As crianças perguntaram em coro.

— Sim, uma vez eu comi um pomar inteiro de amoras. Até hoje ninguém sabe como eu consegui, sendo que minha barriga é tão pequena. Mas quando vejo amoras, saiba que minha fome é devastadora! — Ele explicou, com muito orgulho da sua fama imponente.

— Muito bem, senhor Trovão. É um prazer conhecê-lo. Viemos para começar uma aventura.

— Uma aventura, é? — Perguntou Trovão, coçando a barba, meio desconfiado. — Já faz muito tempo que ninguém vem aqui para uma aventura.

— Faz muito tempo? Mas esta não é a Guilda dos Aventureiros? — Perguntou Luna, confusa.

— É sim.

— E todas aquelas pessoas lá embaixo?

— Bom, isso é meio constrangedor... Na verdade, a maioria só entra na guilda para usar o Bar e Café, acredita? Eles gostam de vir aqui, tomar uma bebida doce e conversar com os amigos. É como um clube. Mas aventureiros mesmo, desses que vivem aventuras, não vejo há muito tempo. Os últimos foram Peter e Wendy... Ou teria sido o Barba Rosa? Ah, não me lembro bem... Já faz tanto tempo!

— Bom, nós estamos aqui. Como podemos começar? — Perguntou Luna, determinada.

— É bem simples, na verdade. — Trovão deu um pulinho do balcão para o chão e andou com seus pezinhos delicados, em passos apressados de formiga, até perto do grande mapa. E continuou, gesticulando com suas mãozinhas: — Vocês escolhem uma missão do mapa e já podem começar.

Vão até o local indicado, cumprem a tarefa e voltam aqui para receber suas honras.

— Nossas honras? — Perguntou Guri.

— Sim, as honras são algo importante para um aventureiro. Quando uma aventura termina, vocês voltam aqui com alguma prova. E então, se tiverem mérito, receberão um Botão de Honra da Guilda dos Aventureiros. Eu retiro a missão concluída do mapa e vocês podem escolher outra, se quiserem. É assim que funciona.

— Acho que entendi! — Guri ficou empolgado com tudo aquilo.

— Mas tem uma condição. — Continuou Trovão. — Para receber um Botão de Honra, vocês devem cumprir a missão da maneira mais honrada possível. Entenderam?

— E como vamos saber se fizemos do jeito certo? — Perguntou o menino.

— Ora, ora, mas que pergunta maluca, garoto! Quando vocês voltarem, vou olhar bem nos olhos de

vocês. Desse modo, eu saberei. Nada desonroso passa pelo velho Trovão!

O gnomo sabia impor respeito ao dizer aquelas palavras. Ele voltou até sua mesinha, saltou para cima da almofada e voltou a se aconchegar para uma soneca.

— Agora podem ir, crianças. Escolham a missão que mais gostarem e boa sorte. Se me permitem, quero dormir mais um pouquinho...

Trovão mal terminou de dizer aquelas palavras e adormeceu novamente. Luna e Guri ficaram olhando o mapa de missões, sem saber qual escolher.

— Bom, nós sabemos que você tem um tesouro para achar, certo? — Lembrou Luna.

— Sim, eu quero achar meu tesouro, com certeza! — Concordou Guri.

— Você acha que pode ser um desses do mapa?

Era difícil dizer. Havia muitos bilhetes de “Caça ao Tesouro” naquele mapa, alguns em

montanhas, outros em florestas. Outros, ainda, em pequenas ilhas espalhadas pelo mar. E havia muitas, muitas ilhas naquele mundo.

— Eu não sei... — Disse Guri, um pouco triste por não saber aonde ir.

— Você sabe se esse tesouro fica numa ilha?

— Eu não me lembro...

Guri parecia muito triste naquele momento. O tesouro que procurava devia ser importante para ele. Luna queria ajudá-lo, mas precisava de alguma pista para começar.

— Espere... — Disse o menino. — Eu acho que fica perto de uma grande árvore... É isso mesmo, meu tesouro fica perto de uma árvore!

— Isso ajuda bastante... — Luna estava pensativa.

— Ajuda?

— Mas é claro. Se fica perto de uma árvore, não deve estar no deserto nem nas montanhas. Também podemos descartar o lago congelado. E as

cavernas, definitivamente, seu tesouro não está numa caverna.

— Certo, certo! — Guri começou a sorrir novamente.

— Então, que tal a gente começar pela floresta?

Havia uma floresta demarcada no mapa, com muitas árvores desenhadas.

— Ótimo! — Concordou Guri.

— Bom, vale a pena tentar. De uma forma ou de outra, teremos nossa aventura.

— Assim é que se fala! Vamos lá, capitã Luna!

Guri pulava de alegria ao redor de Luna. E foi assim que eles escolheram a missão de Caça ao Tesouro, que ficava na floresta, bem ao norte da guilda.

A Floresta dos Vagalumes

Luna e Guri deixaram a guilda e seguiram para o norte. Eles atravessaram um lindo campo de girassóis e uma ponte sobre um rio de água cristalina. O cheiro das flores e dos animais silvestres era muito bom. O dia estava tão bonito que qualquer um ficaria de bom humor.

Em certo ponto da viagem, havia uma bifurcação: a estrada de terra seguia para a esquerda, enquanto o caminho de pedras fazia a curva para a direita. Uma placa indicava as direções, com os dizeres: “Oeste: Plantação de Feijões Mágicos” e “Leste: Floresta dos Vagalumes”.

— Vamos para o leste. — Disse Luna.

— Pra que lado fica? — Perguntou Guri.

— Bom, o norte é para frente, então leste é para a direita. — Ela explicou e, naquele momento, descobriu que era boa em geografia.

— E se o norte fosse para trás?

— Daí o leste seria para a esquerda.

— E se o norte fosse para a direita?

— Daí o leste seria para trás, o sul para a esquerda e o oeste para frente. Tudo depende de como você vê. — Explicou Luna, como uma boa professora.

— Isso tudo é muito confuso... Eu nem sei mais onde estou! — Disse Guri, fazendo Luna dar uma boa risada.

— Relaxe, menino. Venha comigo que eu sei o caminho.

Eles seguiram pelo caminho de pedras, que os levou até uma trilha que contornava as colinas do vale. No final, as árvores iam ficando cada vez mais numerosas, até que, sem perceberem, já estavam no meio da floresta.

Aquele era realmente um lugar sagrado, onde conseguiam se conectar com a natureza de uma forma única. A sombra das árvores fazia um corredor fresco, onde uma corrente de ar passava

com suavidade. As flores deixavam o caminho cheio de cor e vida, e despertavam nos viajantes uma profunda comoção. O ar puro e o cheiro da mata eram agradáveis. O musgo crescia nos troncos e os animais corriam livres, saltitando e escalando para suas tocas.

Mas nada era mais tocante do que a beleza dos vagalumes. Um grupo deles flutuava no ar, bem no meio de uma clareira, e uma miríade de pontinhos luminosos deixava o lugar encantado.

— Este é um dos tesouros mais bonitos que eu já vi. — Disse Luna.

— Eu também. Nunca vi nada parecido! — Concordou Guri.

Os dois jovens aventureiros ficaram ali, admirando a beleza da vida na floresta. Eles nem perceberam que havia um baú de tesouro encostado ali perto, à sombra de uma árvore. Quando Luna, sem querer, tropeçou no baú, chamou a atenção do amigo:

— Guri, olha só! Era esse tesouro que você procurava?

— Deixa eu ver... Bom, ele tá bem do lado de uma árvore...

— Está sim.

— E o meu tesouro fica perto de uma árvore...

— Foi o que você disse.

— Mas eu acho que tem alguma coisa errada nesse lugar... Veja bem, não era bem assim que eu me lembrava...

— Como era então?

— O meu tesouro fica perto de uma só árvore. Umazinha. Aqui tem um montão delas!

— É uma floresta... — Disse Luna, já abrindo um sorriso solidário, ao perceber a confusão do amigo.

— Sim, é o que estou dizendo. Numa floresta tem um montão de árvores... E o meu tesouro fica perto de uma só.

Luna pensou que Guri poderia ter mencionado aquele fato antes de saírem para uma jornada até a

floresta. Mas ela estava tão feliz por estar viajando com o amigo, e aquele lugar que haviam descoberto era tão bonito que ela preferiu não dizer nada. Naquele momento, percebeu que era uma pessoa paciente e que não se incomodava muito com as confusões do pequeno Guri.

— Então hoje apreciamos a aventura na floresta. Amanhã, procuramos seu tesouro em outro lugar.

— Obrigado, Luna! Muito obrigado. Você é muito legal comigo.

— Mas é claro, somos amigos. Estamos juntos nessa. E depois, olhe só ao redor, é muito bom estar aqui.

A conversa sobre o tesouro estava encerrada. Eles não fizeram questão de abrir o baú para ver o que havia dentro. Afinal, aquele não era o baú certo. Sentaram-se numa pedra e comeram algumas uvas, enquanto admiravam a beleza dos vagalumes.

Mas então, algo triste aconteceu. Uma criatura coberta de lama, meio disforme, com sombra no

coração, apareceu caminhando a passos lentos pela floresta. Os vagalumes se agitaram e fugiram, exceto um: um pequeno vagalume caminhava desatento pela grama. Aquele ser de lama, insensível, pisou nele sem sequer notar a graça de sua presença. Luna e Guri tomaram um susto e seus corações dispararam.

A criatura sombria continuou andando, mas logo em seguida se desmanchou, derretendo até ser totalmente absorvida pela terra. Ainda bem. Mas o pequeno vagalume estava ferido e sua luz agora piscava bem fraca, ameaçando apagar.

— Oh, não! — Disse Luna, com aperto no coração.

— Meus anjinhos! — Disse Guri, com lágrimas no rosto.

Os dois se aproximaram do vagalume e Luna o colocou delicadamente na palma de suas mãos.

— Por favor, sobreviva, pequeno. Nós queremos ver a sua luz! — Disse a menina.

— Sim, sim! Queremos muito ver a sua luz! —
Reforçou o amigo.

Mas a luz do vagalume se apagou. Luna sentiu um peso no coração e sabia que Guri estava sentindo a mesma coisa. Aquele foi o momento mais triste de suas vidas: lágrimas de comoção escorreram e um olhar triste tomou conta dos dois, como se o pequeno vagalume fosse um velho conhecido.

Às vezes, a vida é dura com os corações puros. Mas, em raras ocasiões, a natureza realiza pequenos milagres. Foi o que aconteceu naquele dia. Todos os vagalumes da floresta sentiram a tristeza dos jovens aventureiros. Eles se reuniram ao redor deles, num momento de graça, liberando toda a luz que havia em seus espíritos.

Toda aquela luz foi suficiente para reviver o pequeno vagalume que estava nas mãos de Luna. Sua própria luz voltou a brilhar e ele logo saiu voando, para se juntar aos outros da sua espécie.

Luna ficou tão feliz e comovida que sorriu com a alma enquanto ainda chorava. Guri fez o mesmo.

— Que bom que isso aconteceu. — Disse Guri.
— Eu ia sempre me lembrar de uma luz que se apagou. Mas agora, vou me lembrar da luz que se acendeu.

— Eu também, Guri. — Disse Luna.

Tudo ficou em paz na floresta. Os vagalumes voltaram a fazer sua dança sagrada, em círculo, ao redor da clareira. Luna e Guri se despediram deles, com o coração preenchido, sem nenhum vazio.

— Bom, temos que voltar à guilda. Vamos pegar outra missão, quem sabe na próxima achamos seu tesouro.

— Sim, vamos procurar meu tesouro. — Disse Guri, lembrando do seu objetivo.

— Você tem mais alguma pista, Guri? Você disse que o tesouro fica perto de uma árvore, mas uma única árvore e não um montão delas. Alguma outra coisa que você se lembre?

— Bom... Vamos ver... Minha memória não é das melhores... Quem sabe eu me lembre de algo pelo caminho. — Disse o menino.

Luna sorriu. Os dois fizeram o caminho de volta à Guilda dos Aventureiros, saboreando mais algumas uvas.

O Caminho das Cachoeiras

— Bom, vamos ver o que temos aqui. Qual desses lugares pode ter uma única árvore? — Perguntou Luna, diante do mapa de missões. O gnomo Trovão, o Devastador, dormia em sua almofadinha de seda.

— Eu não sei... Se ao menos eu me lembrasse de mais alguma coisa... — Disse Guri.

— Seu tesouro por acaso ficava perto de uma pedra? Ou talvez um rio, lago, cachoeira, toca de bicho, campo de flores?

— Cachoeira! Sim, isso mesmo Luna, tinha uma bela cachoeira perto do meu tesouro.

— Muito bom. Agora fica mais fácil.

Luna olhou para o mapa mais uma vez. Então ela encontrou uma missão que dizia o seguinte: “Desvendar o Mistério do Caminho das Cachoeiras”.

— Que tal esta? Deve ter muitas cachoeiras aqui, quem sabe uma delas é a sua. — Ela sugeriu.

— Muito bom! Muito bom! Vamos lá, capitã! — Foi a resposta empolgada de Guri, que já despertava todos os sentimentos positivos e fazia Luna sorrir.

— Então, vamos ao nosso barco, marujo. Desta vez, vamos navegando.

Luna e Guri saíram da guilda, recebendo um caloroso “Boa sorte!” do Bochecha na recepção. Fizeram todos os preparativos no barco para içar velas. É claro que, naquela missão, não podiam faltar uns cachos de uvas.

Eles partiram pela costa e navegaram contornando o litoral, até chegarem à foz de um grande rio. O plano de Luna era subir o rio contra a corrente, até chegar ao Caminho das Cachoeiras, que ficava a noroeste da guilda.

— Como vamos subir um rio contra a corrente, capitã?

— Com paciência, vigor e esperança, marujo.
— Foi a sábia resposta de Luna.

E assim, deslizaram pelas águas do rio, passando por lugares magníficos no caminho. Primeiro, atravessaram uma pequena vila de pescadores. O local era encantador, com casinhas de palha e pequenos barcos de madeira circulando por todos os lados. Alguns afluentes do rio principal vinham de lagos cobertos com vitórias-régias. E à margem desses lagos vivia a maior parte da população ribeirinha. Os pescadores usavam chapéus de palha e as crianças nadavam nas águas calmas e rasas.

Era um povo simples e muito generoso. Os moradores ofereceram aos viajantes uma saborosa água de coco, que os dois beberam com deleite:

— Meus santinhos! Essa é a melhor bebida que eu já provei! — Disse Guri.

— Eu também. — Disse Luna. Na verdade, ela sempre tomava água de coco com Amarelo, na ilha em forma de lua. Aquela bebida era uma boa lembrança.

Os dois agradeceram e seguiram viagem. O barco a vela avançava com um ritmo admirável contra a correnteza. Guri chegou a pensar que Luna usava algum tipo de magia para fazer aquilo. Mas ela não tinha varinha, amuleto ou poção encantada. Era apenas uma menina, com os pés descalços e as mãos livres, controlando as cordas e o leme do barco.

Mais adiante, eles passaram perto da fazenda de feijões mágicos, cujas plantas eram enormes e subiam bem alto no céu, até tocar as nuvens. Luna sentiu uma vontade imensa de escalar os feijões, para ver o que havia lá em cima. Mas estava focada em sua aventura com Guri.

— Nossa próxima missão bem que podia ser nos feijões mágicos... — Disse o menino.

— Com certeza! — Disse Luna, piscando para ele.

O barco navegou mais um pouco, até que chegou a uma grande cachoeira. O local era lindo, havia um lago circular cercado por penhascos de

terra e mata densa. A queda d'água fazia muita espuma e um arco-íris se formava bem na base. Garças bebericavam na margem ali perto. E muitas espécies de pássaros voavam pelos ares, saindo de suas tocas nas montanhas, como se gostassem de voar recebendo a agradável umidade da água. Parecia um sonho vivo.

— Uau! — Disse Guri, com um sorriso maior que ele mesmo.

— Incrível, né? Eu diria que esta aventura já valeu a pena. É como os vagalumes da floresta: só de conhecer esse lugar já me sinto realizada. — Disse Luna.

— Bom, eu só vou ficar realizado quando tomar um banho de cachoeira. — Anunciou Guri, enquanto tirava a camiseta e dava um salto na água.

O menino tentou nadar até a base da cascata, mas ali a força das águas sempre o trazia de volta. Ele nadava e nadava, mas parecia não sair do lugar.

— Estou quase lá! — Disse o menino.

Luna não se conteve e deu uma boa risada, mas logo alertou o amigo:

— Guri, aqui a água é muito forte pra você. Venha, vamos de barco até a margem, vamos descansar um pouco.

O menino percebeu que não tinha se afastado quase nada do barco. Ele então voltou e subiu a bordo, vestiu sua camiseta e disse:

— Luna, a correnteza é muito forte aqui. Um banho de rio já está bom demais. Vamos para a margem, o que acha?

— Eu acho uma ótima ideia, marujo. — Ela respondeu, com alegria.

Luna conduziu o barco até a margem e o amarrou num pequeno deque de madeira. Eles descansaram um pouco, comeram uvas e se deitaram na grama, à sombra de uma árvore. Ali puderam passar um tempo agradável, observando a lagoa, a cachoeira e o arco-íris.

Depois do descanso, Luna perguntou:

— E então, é esta a sua cachoeira?

— Eu acho que não... — Guri respondeu. — A minha não é tão grande assim, é uma cachoeira pequena.

— Entendi. — Luna ponderou. — Bom, eu vi no mapa da guilda que há muitas cachoeiras por aqui. Talvez, se a gente subir mais, lá em cima deve haver outras. O que me diz, vamos dar uma olhada?

— Vamos. — Guri topou na hora.

— Ótimo. Olha, tem uma escada de pedras aqui. Ela sobe por toda a encosta do penhasco, passa por um túnel e por uma ponte lá em cima, bem no meio da cachoeira.

— Já gostei desse caminho... — Guri concluiu, com um sorriso esperto no rosto.

Eles já se preparavam para começar a subida quando uma senhora de idade apareceu por ali, carregando uma cesta com dificuldade. Ela tinha cabelos brancos e muitas rugas no rosto. Usava sandálias e um chapéu de palha, como os da vila dos pescadores. Tinha uma voz suave e um olhar doce e amoroso.

— Bom dia, meus jovens. — Ela cumprimentou.

— Bom dia, senhora. — Disse Luna.

— Por acaso vocês vão subir a escada da cachoeira?

— Vamos sim. — Respondeu Guri.

— Ah, que maravilha! Eu vou subir também, mas preciso levar essa cesta de frutas. Está um pouco pesada, sabe? Vocês fariam a gentileza de me ajudar, carregando um pouco desse peso?

— Mas é claro. — Disse Luna. — O que você tem aí?

— São algumas frutas, mas o que pesa mesmo é o melão e o coco verde.

— Eu levo o melão. E meu amigo aqui pode levar o coco. Daí a cesta fica leve para a senhora?

— Fica sim. O resto das frutas são uvas, morangos, amoras, tudo muito leve.

A senhora abriu o cesto e entregou o melão a Luna e o coco a Guri. Daquela forma, a subida seria bem mais fácil.

— Muito obrigada pela gentileza. Vamos começar? A subida é longa, eu sei. — Disse a senhora, com um sorriso jovial atrás das rugas.

Então, os três começaram a subir a escada de pedras. O caminho parecia perigoso, visto de longe, mas na verdade era um trajeto bem agradável. O ar fresco e a umidade da cascata eram uma carícia da natureza em seus rostos. Enquanto eles subiam, a conversa foi tão boa que nem perceberam o cansaço.

— Desculpe, senhora, não nos apresentamos. Meu nome é Luna. Este é meu amigo Guri. Qual o nome da senhora?

— Eu me chamo Mizu. É um prazer conhecê-los.

— Que nome diferente. — Comentou Guri.

— Eu venho de uma vila que fica bem longe, além do mar oriental.

— É um belo nome. — Concluiu Luna. — Por que você está levando essas frutas para o topo da cachoeira, senhora Mizu?

— É uma promessa que fiz ao deus dragão. — Mizu respondeu, com naturalidade.

— O deus dragão? — Luna e Guri perguntaram em coro.

— Sim. Vejo que não conhecem a lenda. Lá no topo da montanha há um grande lago. E nesse lago caem doze cachoeiras, uma ao lado da outra. As águas se unem lá em cima, formando essa grande cascata que estamos vendo.

— Quantas cachoeiras! — Disse guri, surpreso.

— Sim, é um dos lugares mais bonitos que eu conheço. São doze lindas cachoeiras, sendo que duas delas caem do alto de uma enorme torre de pedra. — Explicou Mizu.

— Uma torre? — Perguntou Luna, curiosa.

— Sim, sim. Uma torre sagrada. Há uma escada em espiral ao redor dela. Quem sobe até o topo, com o coração aberto, tem a honra de conhecer um deus dragão chamado Abnara. É um belo e assustador dragão serpente, que descansa no

templo lá em cima. É o nosso deus da luz e da vida. Eu pedi a ele que curasse meu netinho e prometi levar uma cesta de frutas. Meu neto está saudável como nunca, então, aqui estou.

— Isso é incrível. Fico feliz que seu neto esteja bem. Acho que vou gostar muito de conhecer Abnara. — Disse Luna.

— Eu também. Poxa vida, não acredito que vou ver um dragão de verdade! — Disse Guri, com sua peculiar alegria saltitante.

Eles passaram por um túnel que atravessava uma parte do penhasco, depois uma ponte bem debaixo da cascata. A senhora Mizu abriu um guarda-chuva para se cobrir. Luna se protegeu ao lado dela, mas Guri fez questão de se molhar.

— Eu disse que ia tomar um banho de cachoeira! — Disse o menino, arrancando boas risadas do grupo.

Depois da ponte, havia um último trecho de escada até o topo do penhasco. Quando chegaram, Luna e Guri ficaram impressionados com a visão. O

lago com as doze cascatas e a torre era exatamente como Mizu havia descrito: simplesmente magnífico.

— Daqui seguimos em silêncio, pois é um lugar sagrado. — Disse Mizu, com seriedade.

Eles atravessaram as águas por um caminho de pedras, de plataformas largas, que formava uma espécie de ponte bem no meio do lago. Quando chegaram à base da torre, começaram a subir pela escada em espiral. E subiram em silêncio até o topo.

Não perceberam o passar do tempo enquanto subiam. Ouvia-se apenas o chiado das cachoeiras, o som dos pássaros e o vento serpenteando. Luna e Guri estavam cansados, imaginando como a subida devia ser difícil para a senhora Mizu. Mas ela continuava, firme e forte, carregando sua cesta de frutas. Eles andavam devagar, para acompanhar o ritmo dela.

Quando finalmente chegaram ao topo da torre, puderam descansar um pouco. Havia uma fonte de água para beber e, logo atrás, um templo de pedras. Da entrada caíam dois pequenos córregos d'água,

que despendavam na borda da torre para o lago lá em baixo, formando duas das doze cachoeiras.

— Não sejam tímidas, crianças. Podem entrar. O deus dragão vai gostar de vocês. — Disse Mizu.

No interior do templo, lá estava ele: um grande ser celestial, de corpo branco, garras em cor verde esmeralda e olhos azuis como céu. Ele estava deitado em seu lugar de descanso e seus olhos lacrimejavam. As lágrimas formavam os dois filetes d'água que escorriam para fora do templo.

— Ele está chorando? — Perguntou Guri, com tristeza ao ver as lágrimas daquela fantástica criatura.

— Sim. O deus está sempre chorando, por toda a eternidade. — Explicou Mizu.

— Mas por quê? — Perguntou o menino.

— Pergunte a ele, Guri. Não tenha medo, chegue mais perto e pergunte.

Mas Guri não sentia medo. De alguma forma, era bom estar ali. Ele se aproximou do dragão e perguntou:

— Por que está chorando, senhor deus?

Abnara levantou a cabeça, encarou seus visitantes nos olhos, um a um, e falou com sua voz grave e reverberante:

— Seja bem-vindo ao meu templo, jovem Guri. Seja bem-vinda, jovem Luna. E você também, jovem Mizu.

— Eu adoro esse dragão: ele me acha jovem!

— Disse Mizu, com um sorriso no rosto.

— Seu espírito é jovem e livre, como os das crianças ao seu lado. — Disse o deus.

— É muita gentileza sua. Eu trouxe umas frutas para você, em agradecimento, por ter curado meu netinho. Esses dois jovens me ajudaram a carregar tudo.

Naquele instante, Mizu colocou o cesto de frutas sobre uma mesa de bambu que havia ali. Luna e Guri repetiram o gesto, colocando o melão e o coco sobre a mesa.

— A gentileza é toda sua, Mizu. Mas eu não fiz muita coisa. Foi você que curou o seu neto. — Disse Abnara.

— Mas eu sei que você deu uma ajudinha. Não pense que me engana, senhor dragão. — Disse Mizu, como uma avó chamando a atenção de um neto querido.

Abnara fez uma reverência com a cabeça, em agradecimento. Ele então se virou para Guri e falou:

— Você me fez uma pergunta, Guri. Pois bem, eis a resposta: eu choro por toda a eternidade, desde o começo dos tempos. Quando o primeiro humano fez o primeiro ato de gentileza, chorei de alegria com meu olho de contentamento. Mas quando aconteceu o primeiro ato de destruição no mundo, chorei de tristeza, com meu olho de decepção. Então, até hoje eu choro, porque no mundo há muitas alegrias e tristezas, atos de desprezo pela vida e atos de empatia, ações genuínas de proteção à vida. Das minhas lágrimas jorram dois rios, desses rios caem duas cascatas. E do grande lago minhas lágrimas se

espalham pelo mundo inteiro, na esperança de que o amor pela vida seja cada vez maior.

— Eu sinto muito por tudo isso, senhor dragão. — Disse Guri.

— Seu sentimento tem grande valor. Mas não fique assim tão triste. Gosto de ver alegria em seu rosto. — Disse Abnara.

— Então, como eu posso ajudar? — O menino perguntou.

— Você pode ajudar sendo quem você é: uma pessoa que ama e protege toda forma de vida. E alguém que carrega um pouco do peso de outra pessoa, de vez em quando, como você e Luna fizeram por Mizu. É só isso, pequeno Guri. Não precisa de mais nada.

Luna ouviu a conversa de Guri com Abnara, atenta e emocionada. Ela não disse nada porque não sentiu necessidade. Seu amigo já estava se saindo muito bem. O dragão fez uma última reverência, em despedida.

Uma aura de luz envolveu Luna, Guri e Mizu. Num piscar de olhos, os três estavam de volta à vila dos pescadores. A senhora Mizu, sorrindo, disse:

— Obrigada, crianças, vocês me ajudaram muito hoje. São para mim uma doce lembrança. Agora, vou para casa, pois preciso descansar.

— Descanse bem, Mizu. Foi um prazer conhecê-la. — Disse Luna.

Guri apenas deu um abraço naquela simpática senhora, sem dizer uma palavra.

Quando os dois ficaram sozinhos, no caminho de volta à Guilda dos Aventureiros, Luna perguntou:

— E então, Guri? Alguma daquelas cachoeiras era a sua?

— Bom, veja bem... Na verdade eu acho que a minha não era exatamente uma cachoeira... Embora fosse uma cachoeira para mim... Mas, como posso dizer, na verdade era mais um filete d'água.

— Um filete d'água?

— Sim, um riozinho bem pequeno, assim, como um rio de joaninha que caía de uma pedra.

— Entendo. Então seu tesouro fica perto de uma árvore, mas que é uma só e não uma floresta; perto de uma cachoeira, mas que é um filete d'água; e tem uma pedra ali perto, é isso?

— Exatamente.

— E essa pedra por acaso é uma pedrinha, uma lantejoula, um grão de areia?

— Não, Luna. A pedra é uma pedra de respeito, isso eu posso garantir.

Luna apenas sorriu. Ela amava aquele menino.

A Fortaleza dos Piratas

Lá estavam eles, diante do mapa de missões mais uma vez. Era difícil achar o tesouro de Guri, com tantas pistas falsas, mas Luna estava adorando cada pequena aventura com o amigo.

— Vamos lá, Guri. Você se lembra de mais alguma coisa?

O menino olhava ansioso para o mapa. Era a terceira vez que estavam ali, sua memória parecia não estar ajudando muito. Mas ele tinha algumas imagens do local do tesouro em sua mente, por isso continuaria tentando.

— Eu acho que meu tesouro fica numa ilha. — Ele disse, finalmente.

— Certo. Uma ilha, uma única árvore e um riozinho bem pequeno, um filete d'água... — Ponderou Luna.

— E uma pedra de respeito, não esqueça.

— Verdade. É uma pedra. Bom, isso não ajuda muito. Há muitas ilhas nesse mapa, muitas delas podem ter essas coisas. — Luna concluiu.

— Poxa vida... — Suspirou Guri, cabisbaixo. Se Luna não sabia como ajudá-lo, então estava sem esperanças.

— Espere. — Disse a menina. — Você me contou uma vez que seu tio-avô é um famoso pirata, não é isso?

— Isso mesmo. Bom, não sei bem se é meu tio ou avô, ou meu tio-avô... Mas tem um pirata na família, com certeza.

— Talvez ele possa ajudar... Um pirata sempre sabe onde ficam os tesouros. Talvez ele saiba onde está o seu.

— Boa ideia, Luna.

— Temos que achar o seu tio-pirata-avô... — Disse Luna, rindo de si mesma. — Você sabe onde encontrá-lo?

Guri coçou a cabeça, tentando ao máximo se lembrar, mas ele não era muito bom nisso:

— Ele fica numa ilha. Numa outra ilha, não a do meu tesouro, mas a ilha dos piratas.

— A ilha dos piratas?

— Sim, na verdade, não sei bem se é uma ilha ou fortaleza, ou talvez uma caverna pirata, mas sei que é um lugar bem bonito, sabe, com uma montanha verde e uma baía, e um forte pirata ali perto.

A expressão de Luna estava um tanto confusa, mas logo Trovão, o Devastador, acordou e resolveu o problema deles:

— Ora, ora... Um gnomo não pode nem mais dormir nesta guilda? — Resmungou, saltando de sua almofadinha e caminhando em direção ao mapa.

Luna pensou que tudo o que Trovão fazia era dormir, mas preferiu não dizer nada. Ela gostava muito dele e quis manter a gentileza.

— Aqui. — Disse o gnomo, apontando para o mapa. — Vocês devem ir até esta ilha. É a Fortaleza dos Piratas, que fica numa ilha onde há também

uma caverna e uma baía. Agora, se me derem licença, vou voltar a dormir.

E assim, Trovão marcou no mapa a localização e logo voltou para o seu sono tranquilo.

— Muito bem, Guri. Vamos achar esse pirata!
— Disse Luna, em tom convidativo. O amigo se encheu de esperança e ficou empolgado novamente. Luna sempre sabia o que fazer.

Eles partiram de barco mais uma vez, deixando a guilda para trás. A Fortaleza dos Piratas ficava a sudoeste dali. O trajeto era longo, então se colocaram logo a navegar.

Depois de algum tempo em alto mar, quando já estavam cansados da viagem, Luna e Guri finalmente avistaram uma região coberta de neblina.

— É por ali. A Fortaleza dos Piratas fica no meio da neblina. — Disse Guri, desta vez sem qualquer hesitação.

Luna não duvidou do amigo nem por um segundo. Guri era um menino esquecido, que nunca tinha muita certeza das coisas. Se ele estava dizendo

algo com tanta confiança é porque sabia do que estava falando.

Em pouco tempo atravessaram a neblina e lá estava ela: a grande Fortaleza dos Piratas, com suas duas torres principais, uma de cada lado da ilha, com uma baía no meio. Navios piratas com bandeiras de caveiras estavam atracados por todos os lados. Nas ameias do forte, homens de bandana, camisa listrada e chapéu de pluma faziam a vigília. Canhões estavam posicionados em direção ao mar, apontando para todas as direções.

Quando o pequeno barco a vela de Luna se aproximou, ele não foi considerado exatamente uma ameaça, então os piratas deixaram que entrasse no porto. Luna conduziu o barco através do enorme portão de ferro, que se fechou em seguida. Logo estavam atracando em um pequeno deque e finalmente desembarcaram.

— Poxa! Estamos numa ilha pirata de verdade!

— Disse Guri, com brilho nos olhos.

Um pirata velhinho, de cabelos brancos e óculos, barriga arredondada e nariz avermelhado, veio recebê-los:

— Olá, crianças. Sejam bem-vindos ao nosso forte. Temo que chegaram numa hora não muito boa, mas faço questão de recebê-los bem, como manda a boa etiqueta. Meu nome é Rufus, sou o pirata ancião desta ilha, embora ninguém mais por aqui escute o que eu tenho a dizer.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Rufus. O senhor é muito simpático. Meu nome é Luna e este é meu amigo Guri.

— O prazer é todo meu. — Disse Rufus, tirando o gorrinho em sinal de respeito.

— O que você quer dizer com uma hora não muito boa? Estamos incomodando? — Perguntou Luna.

— Não, de forma alguma. Sua visita é bem-vinda. Nós é que podemos incomodá-los, com todos os problemas que ultimamente tomaram conta do forte. Venham, vou lhes mostrar.

Rufus os conduziu por uma escada, subindo a encosta de uma colina, até uma casinha de pedra que ficava bem no centro da muralha, exatamente entre as duas torres do forte. Na porta da casinha, uma placa anunciava: “Rufus, Ancião e Conselheiro do Clã dos Piratas do Sul”.

— O senhor é muito importante, senhor Rufus. Afinal, é um conselheiro. — Disse Guri.

— Obrigado, garoto. Mas ninguém por aqui ouve mais os meus conselhos... Esses piratas só sabem brigar entre si. E agora nosso forte se tornou o palco de uma verdadeira guerra.

— Uma guerra?! — Perguntou Luna, surpresa.

— Sim... Vejam vocês mesmos...

Eles entraram na casinha de Rufus e, do outro lado da habitação, havia uma varanda que conectava com a muralha do forte. Daquele ponto, tinham perfeita visão de toda a baía ao norte da ilha. Rufus explicou a situação:

— Vejam que loucura estamos vivendo, meus amigos: os piratas se dividiram em dois clãs. Na

torre leste da fortaleza, fica o Clã das Esmeraldas, na torre oeste, o Clã das Moedas de Ouro. Por algum motivo que eu não entendo bem, os dois lados começaram a brigar e não param mais.

Enquanto Rufus falava, lá estavam os piratas a guerrear. Da torre oeste, o Capitão Dourado gritava:

— Seus sacos de ervilha! Onde já se viu um pirata viver atrás de esmeraldas! Piratas vieram do ouro e para o ouro viverão! Atirem neles, marujos!

E o Clã das Moedas de Ouro atirava balas de canhão contra a ala leste da baía. Quando as explosões chegavam perto da torre, o Capitão Esverdeado vinha gritar:

— Suas espigas de milho! Esmeraldas são a verdadeira riqueza dos sete mares! Bala neles, marujos!

E o Clã das Esmeraldas revidava o ataque. E assim os dois lados passavam a tarde trocando tiros de canhão, que explodiam nas águas calmas da baía.

— Isso tudo é um horror! — Disse Luna.

— Nem me fale... — Disse Rufus, cabisbaixo.

— E aqueles ali na praia? — Perguntou Guri, apontando para um grupo de piratas que estavam apenas sentados na praia, longe do conflito, rindo e bebendo.

— Aqueles são os pacifistas. Vivem na praia e fazem luau toda noite.

— Gostei deles. — Disse Luna.

— Eu também! — Disse Guri.

— Se todos fossem assim eu não teria problemas. Nossa vida seria um grande luau. — Desabafou Rufus.

— Pode deixar, senhor Rufus. Eu e Guri vamos pôr um fim nessa guerra. — Disse Luna, decidida.

O que aconteceu depois foi algo muito inusitado. Luna e Guri combinaram um plano e cada um foi até uma das torres, para tentar pôr juízo nas cabeças dos piratas. Luna ficou responsável pelo Clã das Moedas de Ouro, enquanto

Guri foi cuidar do Clã das Esmeraldas. Parecia que os adultos estavam se comportando como crianças, brigando o dia inteiro por besteira, e as crianças estavam agindo como adultos, tentando deixar o mundo mais bonito e pacífico.

— Capitão Dourado, eu sou Luna, representante do Clã das Esmeraldas. Trago uma mensagem urgente do Capitão Esverdeado: ele diz que está disposto a admitir que os piratas pilhem moedas de ouro, desde que possam também pilhar esmeraldas. Na verdade, ele propõe uma trégua dessa guerra e que vocês se juntem no luau de hoje à noite, na praia, para comemorar. Afinal, cada clã pode viver ao seu próprio modo.

O Capitão Dourado coçou a barba e respondeu:

— Isso na verdade seria ótimo... Estamos mesmo cansados de guerrear... E um luau seria uma forma muito mais agradável de passar a noite. Diga a ele que aceito.

Do outro lado, Guri fazia sua parte:

— Capitão Verde! Ou seria Esverdeado? Ou talvez, Capitão Azul ou Verde Azulado? Enfim, eu sou Guri, venho em nome do Clã das Moedas de Ouro. Ou seriam Moedas de Prata? Enfim... Trago uma mensagem urgente do Capitão do outro lado: ele diz que... O que era mesmo? Ah sim, ele diz que os piratas podem gostar de ouro e esmeraldas. É para vocês se juntarem na praia, para o luau de hoje à noite.

O Capitão Esverdeado coçou a cabeça e disse:

— Isso tudo parece meio confuso, garoto, mas até que faz sentido. Estamos precisando de uma pausa, na verdade, meus homens estão bem cansados dessa guerra. Ao luau nós iremos.

E naquela noite, todos os piratas participaram do luau, na praia com os pacifistas. No começo pensaram que seria só uma noite de trégua. Mas foi tão bom estar ali, sem receber tiros de canhão, celebrando a vida com seus irmãos piratas, que resolveram nunca mais guerrear.

— Eu só tenho a agradecer a vocês, Luna e Guri. No fim, precisamos dos conselhos das crianças para amadurecer um pouquinho. — Foram as sábias palavras de Rufus.

— Imagina, senhor Rufus. Não foi nada. — Disse Luna, mas no fundo ela sabia que parar uma guerra tinha sido alguma coisa.

— Agora que esses piratas me escutam de novo, voltei a ser de fato um conselheiro. Vocês têm minha gratidão e serão sempre bem-vindos aqui na fortaleza. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer por vocês...

— Na verdade tem sim. Você por acaso não sabe se algum desses piratas tem um sobrinho ou neto, um menino na família, parecido com o Guri aqui? — Perguntou Luna.

— Bom... O velho Tobias sempre falava de um neto muito querido, um menino muito atrapalhado, mas com um grande coração.

— Esse sou eu! — Disse Guri, provocando risadas. — Eu sou o menino atrapalhado! E acho mesmo que meu avô se chamava Tobias...

— Então vá encontrá-lo, menino. Tobias é o nosso pescador. Ele mora numa cabana, numa pequena praia desta ilha. Vou marcar aqui no mapa.

Assim, Rufus marcou a localização da cabana no mapa. Após uma curta caminhada, as crianças chegaram ao local. Eles bateram na porta e um velho pirata veio abrir: um homem moreno do sol com doces olhos azuis e uma longa barba branca.

— Mas veja se não é meu neto! Garoto, fiquei preocupado... Desde o dia em que você sumiu do meu barco, fiquei pensando por onde andaria o pequeno Guri... Afinal, o que aconteceu, menino?

Guri deu um abraço apertado no avô.

— Desculpe, vovô... Fiquei com medo daquela enguia que você pescou, então resolvi fugir no barril de maçãs...

— Guri, seu trapalhão... Isso foi muito perigoso. Por outro lado, vejo que fez uma amiga e que no fim se saiu muito bem.

— Eu tive muita sorte. Esta é Luna, minha capitã. Ela me salvou em alto mar, vovô.

— Pois você é uma ótima capitã, Luna. Mas me digam, o que fazem por essas bandas?

— Bom, senhor Tobias, o caso é o seguinte: desde que encontrei Guri no mar, ele me fala de um tesouro valioso. Tentamos encontrá-lo, sem sucesso. Achamos que o senhor pode saber onde o tesouro está. — Explicou Luna.

Tobias sorriu. Ele sabia exatamente de que tesouro Guri estava falando.

— Vocês estão com sorte, pois a memória deste velho pescador é muito boa. Vou marcar o local no mapa. Pronto, aqui está, Guri. Seu tesouro fica nessa pequena ilha, não muito longe daqui.

— Obrigado, vovô.

— Façam boa viagem. E Luna, obrigado por ajudar meu neto. Deve ter tido muito trabalho com ele.

— Está brincando? Seu neto é o melhor dos marujos!

Eles se despediram na praia, enquanto Tobias preparava o barco de pesca para mais um dia de trabalho. Daquele dia em diante, cada clã pirata se tornou livre para viver à sua maneira, e muitos luaus aconteceram na ilha da fortaleza. Luna e Guri içaram vela mais uma vez, com a certeza de que estariam, finalmente, no caminho certo.

O Tesouro de Guri

O mar e o céu estavam tão azuis, tão bonitos, que pareciam o espelho um do outro. Luna conduzia o barco com leveza e o vento agitava seus cabelos. Guri se segurava no mastro, sempre que a embarcação balançava um pouco mais. Nos momentos de calmaria, ele aproveitava para comer uvas.

A viagem foi rápida. Em pouco tempo chegaram à ilha onde ficava o tesouro de Guri. Era uma ilha pequena, com uma colina verde e uma praia, uma pequena casa no alto da colina e algumas árvores. Um lugar bem simples na verdade.

— É aqui? — Perguntou Luna.

— É aqui! — Respondeu Guri, empolgado.

Quando Luna atracou o barco ao pequeno deque na praia, Guri já estava saltando para fora e, com seus pés descalços, correu pela areia macia,

que ainda estava fria no começo da manhã. Ele correu até um rochedo que ficava por ali. Bem ao lado, havia um enorme baú de tesouro abandonado, à sombra de um único coqueiro. Um filete d'água escorria timidamente do alto da colina até o mar.

Luna observou tudo com atenção. O baú estava mesmo naquele lugar especial, com todas aquelas coisas de que o amigo sempre falava: uma ilha, uma única árvore ao lado, um riozinho bem pequeno e uma pedra de respeito. Guri contemplava o baú, feliz.

— Finalmente! Meu tesouro! — Disse o menino, sorrindo e com lágrimas nos olhos.

— Então, o que está esperando? Não vai abrir?

— Perguntou Luna.

— Vou sim! — Disse o menino.

Mas o que se seguiu foi algo inesperado: Guri saiu correndo pela praia e subiu por um caminho de grama, colina acima. Sem entender direito o que estava acontecendo, Luna abriu o baú: estava vazio.

Ela então resolveu seguir o amigo. Quando o alcançou no topo da colina, finalmente entendeu.

Guri se aproximou da pequena casa que havia ali. Com timidez, ele bateu na porta. Quando a porta se abriu, uma mulher e um homem, com lágrimas de emoção, vieram dar um abraço caloroso no menino. Logo depois vieram mais três crianças abraçá-lo também. Finalmente tudo estava claro: aquela era a família de Guri, seu verdadeiro tesouro. Todo esse tempo, era por eles que aquele menino estava procurando.

Luna sorriu ao presenciar aquela linda cena. Ela estava sorrindo por dentro, mais uma vez. Passou o dia conhecendo a mãe, o pai e os irmãos do seu melhor amigo. Almoçou com eles e apreciou a beleza e a paz da pequena ilha onde viviam.

— Obrigado, Luna. Obrigado por me ajudar a voltar para casa. Nunca vou esquecer. — Disse Guri.

— Eu é que agradeço. Ajudar você foi uma grande aventura! — Disse Luna.

— Você é sempre bem-vinda em nossa casa, Luna. Volte para nos visitar, quando quiser. — Foram as doces palavras da mãe de Guri.

— Eu volto sim! — Disse Luna.

— E traga muitas uvas. — Pediu Guri, enquanto comia as últimas de um cacho. Todos riram, com profunda alegria.

No fim da tarde, Luna se despediu.

— Para onde você vai agora? — Perguntou Guri.

— Bom... Primeiro vou até a guilda. Quero tomar um suco de maçã e avisar o Bochecha e o Trovão que finalmente cumprimos nossa missão.

— Bem lembrado. — Disse o menino.

— E depois, acho que está na hora de voltar para minha ilha. Meu amigo, Amarelo, está esperando que eu volte para contar tudo a ele.

— Um dia vou visitá-la na sua ilha, Luna. — Disse Guri.

— Pois venha sim, só não vá se perder. —
Recomendou Luna, fazendo um carinho no cabelo do menino.

Eles deram um abraço forte de despedida. Era fascinante pensar que, poucos dias atrás, os dois eram completos desconhecidos, mas agora compartilhavam boas lembranças juntos. Isso acontece quando se vive uma aventura com alguém especial.

Ao pôr do sol, Luna partiu mais uma vez. Agora, avançava sozinha sobre as águas rosadas do entardecer, velejando suavemente em seu pequeno barco a vela. Um forte sentimento de alegria e saudade tomava conta de seu coração.

A Casa de Luna

Luna estava tão ansiosa para voltar para casa, que navegou durante a noite até a Guilda dos Aventureiros. Velejar sob o céu estrelado, guiada pela luz da lua, era uma experiência maravilhosa. Parecia que todos os sons da natureza eram mais nítidos e belos, enquanto as criaturas do mundo dormiam.

Quando os primeiros raios do sol da manhã surgiram no horizonte, ela avistou o continente. Logo estava atracando no porto, ao lado de todos os tipos de barcos e tripulações, na agitação dos aventureiros em frente à guilda. Era bom estar de volta. Ela entrou pela porta da recepção e um velho amigo (um enorme pirata viking, bem gordo e bem forte) estava ali para recebê-la:

— Bochecha!

— Ora, ora, vejam se não é a jovem Luna! É bom revê-la, menina.

— Como estão as coisas por aqui?

— Você sabe: tudo meio parado como sempre. Muitos aventureiros para tomar um bom café, quase nenhum para viver uma aventura.

— Bom, eu e Guri completamos a nossa.

— Pois eu sabia que vocês não iriam decepcionar. Soube no momento em que entraram por aquela porta. E onde está o pequeno Guri?

— Ele ficou em casa, com a família. Estou aqui em nome dele também. — Explicou Luna.

— Entendo. Bom, meus parabéns, Luna. Isso é um feito e tanto. Não é qualquer um que completa uma aventura hoje em dia.

O viking sorriu e, meio sem jeito, deu um abraço em Luna.

— Obrigada, Bochecha.

— Agora você deve subir até o Salão de Aventuras, deve informar o Trovão sobre isso. Ele vai ficar de queixo caído.

De fato, quando Luna contou tudo ao gnomo Trovão, o Devastador, ele ficou perplexo. Coçou sua pequena barba e esfregou os olhinhos, pois ainda estava meio sonolento depois da última soneca.

— E você cumpriu sua missão com honra, Luna? Não, não responda. Deixe-me olhar nos seus olhos, pois saberei se alguma coisa desonrosa foi feita em sua jornada.

O pequeno gnomo subiu em sua almofadinha, que ficava sobre o balcão, e observou muito bem os olhos de Luna. Ele então sorriu e disse:

— Eu só vejo uma alma pura aí dentro. Muito bem, Luna, você e Guri conseguiram. Depois de muitos anos, é com enorme honra que anuncio: mais uma grande aventura foi vivida. Essa caça ao tesouro pode sair do mapa. E por falar nisso, o tesouro que acharam era dos bons? — Ele quis saber.

— Era dos melhores. — Disse Luna.

— Muito bem, então. Você com certeza mereceu este símbolo especial.

Luna foi condecorada com um pequeno broche, que tinha o símbolo de um barco a vela bordado.

— Obrigada.

— Avise o Guri que temos um igualzinho para ele. Vamos deixar guardado, para quando ele vier nos visitar.

— Pode deixar, senhor Trovão. — Disse Luna, rindo de alegria, e deu um beijinho na testa do gnomo.

Nunca antes ou depois o lendário Trovão, o Devastador, ficou tão vermelho como naquele dia. Um sorriso quase apaixonado tomou conta de seu delicado rosto, levando embora sua tão conhecida aura ranzinza.

Depois de tomar um suco de maçã no Bar e Café da guilda, Luna foi embora. Ela queria chegar logo em casa. Içou velas rumo ao sul, pois sabia de cor o caminho até sua pequena ilha. Passou pelo grupo de tartarugas marinhas, coloridas, que agora voltavam migrando para o norte. Passou pela

incrível baleia azul, tão calma quanto as nuvens no céu, e viu os golfinhos pularem acima da água.

Era muito bom avistar a ilha em forma de lua. Luna não sabia dizer ao certo quanto tempo se passara desde sua partida. Parecia pouco tempo, porque tudo ali ainda era bem familiar. Mas também parecia muito tempo, porque tinha vivido experiências importantes. Não via a hora de encontrar seu velho amigo, Amarelo, e contar tudo sobre suas aventuras.

Luna finalmente desembarcou na praia, a praia tão conhecida onde costumava correr, brincando de voar com o pássaro azul. Ela subiu pela colina, de onde certa vez saltara bem alto para tentar apanhar uma estrela cadente. E no topo estava o rochedo ao lado da pequena cachoeira, onde o pássaro azul dava a graça de sua presença.

— Amarelo! — Gritou Luna de alegria, enquanto corria em direção ao amigo.

— Minha amiga Luna! — Disse Amarelo, surpreso, enquanto voava ao redor da menina,

fazendo uma dança com ela no ar. Até que os dois se acalmaram e conseguiram conversar.

— Então, como foi sua aventura?

— Amarelo, como é bom estar aqui de novo... Vi tantas coisas bonitas no mundo, nem sei por onde começar.

— Comece pelo básico. — Disse o pássaro. — Você conheceu muitos lugares bonitos?

— Sim! Conheci a Guilda dos Aventureiros, no continente, e uma Floresta de Vagalumes. Conheci o famoso Caminho das Cachoeiras, que fica perto de uma charmosa vila de pescadores, e de uma torre sagrada onde mora um deus dragão. Vi a Fortaleza dos Piratas e passei por mares e ilhas maravilhosos no caminho.

— Viu muitas formas de vida bonitas?

— Uma mais bela que a outra!

— E fez muitos amigos?

— Não muitos. Mas fiz poucos e bons amigos.

— Muito bem, Luna. Muito bem. — Disse Amarelo, que parecia estar contente com as

respostas da menina. — E me diga uma coisa, Luna, conseguiu descobrir quem você é?

— Acho que sim. — Disse Luna, pensativa. — Eu sou alguém que vai sempre oferecer um cacho de uvas a um desconhecido. Gosto de ter paciência com as pessoas distraídas, porque elas são as pessoas mais sonhadoras desse mundo. Sou alguém que ajuda um amigo a encontrar seu próprio tesouro. Se um único vagalume se perde, mesmo que existam milhares de outros vagalumes no mundo, eu me importo com aquele um. Não ligo de carregar um pouco o peso de outra pessoa, para ajudá-la a subir mais alto. Não gosto de ver piratas fazendo guerra, prefiro que eles façam um grande luau na praia. Sinto gratidão por todas as coisas maravilhosas ao meu redor. Gosto de estar aqui.

— Isso tudo é muito bom, Luna. Você descobriu quem é. A estrela cadente atendeu seu desejo afinal.

— Sim, ela atendeu. — Disse Luna, em profundo sentimento de paz.

— O que vai fazer agora? — Perguntou Amarelo.

— Acho que vou me deitar na colina e descansar um pouco.

— Esta é uma ótima ideia. — Disse Amarelo, simplesmente, fazendo uma reverência em respeito à amiga. Ele então bateu asas e voou. Luna sabia que ele gostava de voar ao redor da ilha no fim da tarde.

Ela caminhou até o local mais alto da colina e se deitou na grama. O vento vinha acariciar seu rosto e as nuvens se moviam lentamente no céu, dando espaço para a noite que começava a se formar. Luna ficou deitada ali, respirando aquele ar puro, de uma forma tão presente e conectada ao momento que não percebeu o tempo passar. Quando se deu conta, estava observando as estrelas e a linda lua que iluminava tudo com sua luz branca, acima da linha do horizonte.

Então, como num passe de mágica, um pilar de luz apareceu diante dela. E no centro da luz

havia uma fada. Luna não se assustou com aquilo, apenas se sentiu muito bem.

— Venha, Luna. Está na hora de vir para casa.

— Disse a fada e, logo depois, desapareceu.

Luna caminhou até o pilar de luz e, quando se posicionou bem no centro dele, começou a levitar. Aos poucos, a menina ia subindo no céu, cada vez mais alto, e mais alto ainda naquele céu noturno, até que a ilha em forma de lua ficou pequena lá em baixo. E o mar ficou pequeno, e o mundo ficou pequeno, porque ela subiu até a Lua.

Quando chegou à Lua, percebeu que tinha um par de asas em suas costas e um cabelo branco luminescente, que ficava bem bonito com sua pele morena. E então, viu a Cidade das Fadas Lunares e um magnífico palácio. Ela se lembrou de tudo, de sua verdadeira origem e de como tinha ido parar na ilha em forma de lua.

Luna era filha de uma das sete Fadas Conselheiras do Reino da Lua. Sua mãe, Astra,

tinha lhe enviado àquele mundo maravilhoso, para que ela o conhecesse bem de perto.

— Um dia você será guardiã do mundo, Luna. E como tal, deve conhecer cada forma de vida, cada pequena ou grande criatura, cada beleza natural do mundo. E deve conhecer os seres humanos, para que possa aprender a ajudá-los. Para isso, deverá acordar sem memória, em algum lugar à sua escolha. — Foi a fala de Astra, no dia em que Luna partiu para sua jornada pelo mundo.

— Pois eu quero acordar naquela pequena ilha, mamãe. Aquela que tem forma de lua. — Foi a escolha de Luna.

Naquele dia, Astra abriu um portal de luz, pelo qual Luna foi transportada para a pequena ilha onde acordara sem qualquer lembrança. E foi assim que a jovem fada foi enviada ao mundo, para viver uma aventura.

Agora que retornara à Cidade das Fadas, Luna se lembrava de tudo. Ela deu um abraço amoroso

em sua mãe, em suas amigas e familiares, mas não pôde conter um olhar de tristeza.

— Minha filha... — Disse Astra. — Vejo que cresceu muito no tempo que passou no mundo. A luz do seu coração agora brilha mais forte. Você tem tudo o que precisa para ser uma fada guardiã. Mas vejo uma ponta de tristeza em seu olhar.

— Sim... — Admitiu Luna. — Estou feliz de voltar para casa. Mas sinto falta dos meus amigos e das coisas que compartilhei com eles. Eu gostaria de não ter que escolher entre os dois mundos.

— Mas quem disse que você precisa? — Disse Astra, para a surpresa de Luna.

— Como assim? Uma fada guardiã não deve morar aqui, no Reino da Lua? — Ela perguntou, com uma ponta de esperança.

— Essa é a tradição. Mas a meu ver, filha, os melhores guardiões são os que convivem de perto com aqueles que protegem. Se você quer viver no mundo com os humanos, tem a permissão das Fadas Conselheiras. Você é livre para viver à sua

maneira, pois sabemos que sua única intenção é proteger toda forma de vida.

E assim, Luna agradeceu a sua mãe, Astra, e a todas as Fadas Conselheiras, e atravessou mais uma vez o pilar de luz. Quando abriu os olhos, estava deitada na grama da ilha. Por um momento, não sabia se tudo aquilo tinha sido um sonho ou algo real. Seus cabelos estavam castanhos mais uma vez, não brilhavam mais como a luz da lua. Mas logo que se levantou, sentiu suas asas nas costas e soube na mesma hora que poderia voar.

Num salto da colina, Luna pegou impulso e começou a voar ao redor da ilha. Quando ela se aproximou de Amarelo, que planava com suas asas abertas, ele tomou um susto:

— Luna! Você tem asas para voar afinal!

— Sim, com certeza eu tenho asas, meu amigo.

— Então, o que quer fazer?

— Quero voar com você nas estrelas. — Disse Luna, e Amarelo entendeu o que ela queria dizer.

Era noite de estrelas cadentes na ilha. A menina e o pássaro voaram juntos, enquanto apreciavam a beleza das estrelas que caíam do céu para o leito do oceano. Aquele tempo foi muito agradável.

Na manhã seguinte, eles deixaram a ilha em forma de lua. Havia muitos lugares do mundo para conhecer e velhos amigos para visitar. A aventura estava só começando.